

AUTOESTIMA DA MULHER NEGRA NO CINEMA: RESSIGNIFICAÇÕES E NOVAS FORMAS DE  
RETRATAÇÃO.Paula Berle Bezerra de Melo<sup>1</sup>**Resumo:**

Neste manuscrito pretende-se analisar as novas formas de representação da mulher negra no cinema nacional. Para isso utilizou-se os trabalhos de três cineastas negras contemporâneas, que em suas produções trazem personagens infantis, adolescentes, adultas e idosas para discutir as lutas, dores e relações desses indivíduos na sociedade.

**Palavras-chave:** Mulheres negras, auto estima, cineastas negras, audiovisual independente.

**Introdução:**

Ao pararmos para analisar historicamente a forma como mulheres negras são retratadas em narrativas ficcionais, é fácil notar o mesmo padrão nos papéis que lhes são oferecidos: o ombro amigo da protagonista branca, a promíscua e inconsequente, ou até a personagem engraçada que entra em cena apenas para fazer o público rir. Mesmo quando as representações da mulher negra estavam presentes nos filmes, nossos corpos e seres estavam lá para servir – para fortalecer e manter a mulher branca como objeto do olhar falocêntrico (HOOKS, 2000). Mas o que esperar de um cenário onde uma única parcela da sociedade tem poder majoritário sobre as narrativas criadas?

A indústria audiovisual nacional ainda é comandada por pessoas brancas, em sua maioria homens, como podemos notar nos dados do boletim de raça e gênero do cinema brasileiro, feito pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA) com informações disponibilizadas pelo Observatório Brasileiro de Cinema e Audiovisual (OCA - ANCINE). Como mostram, dos filmes de ficção longa metragem do circuito comercial, com mais de 500.000 espectadores, produzidos no Brasil entre 1970 e 2016, nenhum deles foi dirigido por mulheres negras. Essa falta de representatividade em um meio onde a auto retratação é essencial, gera visões distorcidas do que é ser mulher e negra na sociedade.

Para Michel Foucault, o poder é uma forma de dominação que inibe completamente a liberdade, mas que apesar disso, para todas relações de poder estabelecidas, existe possibilidade de resistência. Quando se fala em cinema, essa resistência se dá exatamente na construção da narrativa, pois é partindo dela que a sensibilidade do sujeito tem a possibilidade de desenvolvimento, não de uma perspectiva fetichista, do outro como algo exótico ou estereotipado, mas do ser social representando a si próprio e retratando sua própria vivência.

“O modo como somos vistos pela sociedade e pelas outras pessoas influencia diretamente na forma como nos vemos. Se a maior parte das imagens criadas sobre nós nos pintam de maneira negativa, é assim que nós enxergamos.” (DOS SANTOS, 2017)

Porém é no cenário independente que as mulheres negras vem lutando para ocupar seu lugar de fala pela visibilidade de sua própria identidade e perspectiva de vida dentro do cinema. Neste artigo usarei como exemplo as produções de três cineastas negras independentes, que em seus trabalhos apresentam narrativas onde a mulher negra é sujeito central, são elas: Viviane Ferreira, Renata Martins e Juliana Vicente, cada uma a seu modo buscam desconstruir ideais imaginários da sociedade e reestruturar a representação da mulher negra no audiovisual.

Uma das fundadoras da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro - APAN, Viviane Ferreira, advogada e cineasta nascida na periferia de Salvador, mas morando atualmente em São Paulo, é a diretora do curta “O dia

<sup>1</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas, E-Mail: Paulaberle1@hotmail.com

de Jerusa", filme selecionado para exibição em Cannes na mostra de curtas (Short Film Corner) em 2014. O filme traz como protagonistas Léa Garcia (Jerusa) e Débora Marçal (Silvia). Além das protagonistas e da diretora, o elenco e equipe de produção são formados por pessoas negras.

No curta, Viviane aborda diversas questões ligadas a lutas de mulheres negras no Brasil, como a solidão, o assédio, a desmoralização em seus ambientes de trabalho e até do amor como ato de resistência, algo tratado pela teórica feminista Bell Hooks em seu texto "Vivendo de amor". Neste ensaio a autora lembra que, ao longo da história, a luta pela sobrevivência de si mesma e daqueles próximos fez com que o amor se tornasse algo secundário e às vezes inexistente na vida dessas mulheres, mas que afeto e carinho são muito importantes para que se tenha uma vida plena "e para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor." (HOOKS, 2000). Assim a cena de amor entre uma mulher e um homem negros em situação de rua representam uma ideia de que receber carinho e amar, a si e ao outro, também é revolucionário.

Nos filmes de Hollywood um dos pontos mais fortes na hora de retratar mulheres é através da rivalidade feminina. Crescemos assistindo mulheres disputando e esse é o pensamento machista que ainda impera na sociedade. Entretanto, no curta essa relação é desconstruída com as representações das personagens Jerusa e Silvia, duas mulheres de duas diferentes gerações, que conversam e mostram empatia, uma ensinando a outra sobre suas dificuldades. Jerusa ensina Silvia a ter calma, Silvia oferece afeto a Jerusa, e nesses simples gestos, o filme nos mostra como o amor entre mulheres é bonito, real e possível.

"O Dia de Jerusa é um filme que apresenta a possibilidade, nas telas do cinema, de vivenciarmos amor, ancestralidade e memória como estratégias fundamentais para a transformação da sociedade a que pertencemos, principalmente no que tange à vida de mulheres negras." (DE SOUZA, 2017)

Já no curta "Cores e Botas", da cineasta Juliana Vicente, temos como tema a pressão estética sofrida por mulheres no geral, mas principalmente pelas negras, pois a mídia impõe padrões não só difíceis de serem atingidos, mas impossíveis quando se trata de corpos negros. A protagonista é Joanna, uma criança da classe média que tem como maior sonho ser paqueta do programa da Xuxa, assim como a maioria das garotas brasileiras nos anos 80. Em uma das cenas, Joanna chega da escola e ao dançar e assistir ao programa da Xuxa em frente ao espelho, a menina percebe que seu cabelo não é loiro nem liso como o de todas as paquetas presentes no palco, o que a leva a tentar mudar isso. O fato de não se identificar com as figuras que nos são apresentadas com referências é algo que atinge fortemente as crianças crespas.

"Tanto na sociedade como na mídia, com a valorização estética e da cultura dos brancos, acaba-se por gerar o fenômeno da invisibilidade social: os negros não se identificam com as representações que a mídia faz deles e, por vezes, a fim de se enquadrarem na sociedade, usam recursos estéticos para se aproximarem dos brancos." (LAHNI, 2007)

Entende-se, portanto, que o cabelo para a mulher negra é um dos pontos mais importantes de afirmação de sua estética. Durante a infância, as referências de crianças com cabelo crespo em programas infantis eram praticamente nulas nessa época, algo que vem mudando aos poucos ao longo dos últimos anos.

Um das primeiras a alcançar produções maiores no país, Renata Martins cursou cinema pela Universidade Anhembi Morumbi, após a abertura do programa ProUni e cursou pós graduação em Linguagens da Arte pela USP. Seu primeiro grande trabalho foi o curta “Aquém das nuvens”, exibido em mais de dez países e premiado no Festival Unasur na Argentina, vencedor do concurso TAL TV – Televisão da América Latina em 2014. Desde então, Renata participou de diversos trabalhos, tanto pessoais como também na Websérie “Empoderadas” e telenovelas infanto-juvenis, como a novela “Malhação - Viva a diferença”, exibida pela rede Globo. Porém, dentre os projetos que a cineasta participou para a televisão, o mais premiado foi a série “Pedro e Bianca”, uma das primeiras a trazer uma jovem negra e periférica como protagonista. O projeto exibido em TV aberta no Canal Cultura, acompanhava os irmãos gêmeos Pedro e Bianca durante seu começo no ensino médio.

No que diz respeito à construção da personagem Bianca, como recorte para a representação da mulher negra na adolescência, fica claro o cuidado no roteiro, que trouxe para a personagem todos os dilemas que uma garota negra enfrenta nessa fase, onde a comunicação de massa impõe-se tão fortemente, com todo o seu racismo, sexismo e a violência contra a estética feminina negra.

Assim, a importância do protagonismo negro como ação afirmativa e de fortalecimento de sua imagem é essencial para que possamos nos identificar com nossa representação na tela. Ser espectadora e sentir identificação com os personagens é importante, mas fazer isso partindo de nosso olhar é ainda mais crucial.

No cenário alternativo, como apresentado, o protagonismo negro já é uma realidade, entretanto, a luta atual é sobre a ocupação desses espaços nos circuitos comerciais de cinema. Políticas afirmativas como a aprovada para o edital do ANCINE em 2018, o qual informa que ao menos 35% dos valores investidos nos projetos selecionados deverão ser dirigidos por mulheres ou mulheres transexuais/travestis, e pelo menos 10% desses valores serão reservados a diretores(as) negros(as) (pretos e pardos) e indígenas, incentivo importante para mudar esse cenário. Dessa forma, a pluralidade sempre existente terá espaço nas salas de cinema por todo o país.

### Referências bibliográficas

DE SOUZA, Edileuza Penha; DOS SANTOS, Elen Ramos. O DIA DE JERUSA: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO IDENTIDADE, MEMÓRIAS E AFETOS. Revista Gênero, v. 17, n. 1, 2017.

DOS SANTOS, Beatriz Gerolim. A (AUTO) REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO. O Mosaico, n. 15, 2017.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe, v. 2, p. 188-198, 2000.

LAHNI, Cláudia Regina et al. A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento. Revista Científica Centro Universitário Barra Mansa, p. 80-88, 2007.